

**Michael Jackson entre flashes e tiroteios:
A vida social da estátua na favela modelo da pacificação.**
Apoena Mano – Mestrado PPCIS/UERJ

5º Seminário Discente da PPGS USP
GT 6 – Cidades e urbanidades

1. Introdução

A estátua do Cristo Redentor é um dos mais significativos símbolos da cidade do Rio de Janeiro. A imagem de uma paisagem que harmoniza cidade e natureza sob os braços da estátua é globalmente reconhecida e reverenciada como uma das mais encantadoras do mundo¹. A indústria turística apropria-se desta representação para alimentar continuamente a percepção social de uma cidade hospitaleira, receptiva e acolhedora.² Por sua vez, os moradores da cidade também são investidos por este significado. São diversos os efeitos de regimes de valor e representação sobre a estátua: acima do morro do Corcovado, ancorada sobre a natureza e de braços abertos simbolizando proteção sobre a cidade, simbolizando a abertura do local para receptividade ao mundo. Recentemente, outra estátua da cidade foi revestida por valores e significados excepcionalmente semelhantes. Acima de um morro, entre a natureza e a cidade, a figura de braços abertos também enfatiza segurança, receptividade e a inclusão daquele local e da cidade em circuitos globalizados de capital internacional. De óculos escuros, sorriso largo e blusa aberta, o monumento de 180 quilos e 1,80m de altura também foi apropriado pela indústria turística - por duas razões distintas. Primeiro, por tratar-se de uma estátua do astro do pop internacional, Michael Jackson. Segundo, por ter sido um marco de inclusão no roteiro turístico oficial da cidade de um local até então reconhecido apenas pela violência urbana e desigualdade social: a favela Santa Marta.

O significado das coisas não está necessariamente inserido nas formas, e sim nas relações que são reproduzidas a partir delas e em seu entorno (APPADURAI, 1988). Instalada na laje de um antigo centro comunitário, a estátua do cantor Michael Jackson pode ser um interessante assunto para conduzir uma discussão sobre produção urbana e efeitos sociopolíticos do turismo na favela. Se o valor não é uma propriedade inerente aos objetos, mas um julgamento que os sujeitos fazem sobre eles, perceber as interações adjacentes à estátua é um modo de examinar relações de poder, agência e significação que ocorrem no local. Afinal, a instalação da estátua que representa uma figura internacional em uma favela carioca permite a observação de interações que se

¹ A cidade recebeu da UNESCO em 2016 o título de “Patrimônio Mundial pela sua Paisagem Cultural”. Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/rio_de_janeiro_receives_from_unesco_the_certificate_of_world/

² Kotler (2002, p. 61) destaca que “a aparência de uma cidade e o modo como os seus espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais”.

constituem simultaneamente entre os níveis local e supra-local (LEEDS; LEEDS, 1978).



Figura 1 – Turistas junto à estátua de Michael Jackson. Fonte: Tripadvisor

Observando a estátua, podemos brevemente analisar os interesses externos que compõem sua instalação e também as repercussões internas que se reproduzem deste momento em diante. No início da década de 2010, a estátua estava circunscrita em uma série de intervenções no Santa Marta, fornecendo sentido à construções discursivas sobre a “favela pacificada”. As Unidades de Polícia Pacificadora - UPP³ eram celebradas por diversos moradores seguindo uma gramática de “oportunidades, negócios e inclusão social”. Reportagens sobrepunham empreendedorismo à violência urbana em manchetes como “ex-assaltante vira guia de turismo e promotor de festas na favela”⁴. Na reportagem, José Mário Hilário dos Santos, o então presidente da Associação de Moradores, generaliza a sensação cosmopolita produzida pela popularização da favela turística: “A comunidade não é mais nossa. É da cidade, do mundo”.

Cerca de dez anos depois, no momento posterior aos Jogos Olímpicos 2016, preocupações relacionadas a tiroteios e violência urbana tornam-se novamente explícitas. Incentivos mercadológicos estabelecidos anteriormente, como o empreendedorismo e o turismo, são ofuscados por conflitos territoriais armados e pela reconstituição de uma ordem social determinada e representada pela violência urbana, afetando diretamente as formas de vida na favela Santa Marta. Neste momento, as

³ Termo relacionado ao projeto das Unidades de Polícia Pacificadora, que será discutido adiante.

⁴Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2011/08/ex-assaltante-vira-guia-de-turismo-e-promotor-de-festas-na-santa-marta.html>

relações sociais, culturais e políticas concernentes à estátua a validam, simultaneamente, como um objeto representativo da mercantilização turística da favela e também um artefato que desperta outra atribuição de valor por conflitos internos da favela. Em agosto de 2018, intensos debates foram suscitados pela circulação de uma imagem no local. Talvez a repercussão tenha sido motivada pela reunião icônica de expressões simbólicas da favela dentro do imaginário urbano durante os últimos anos: um fuzil foi colocado na estátua de Michael Jackson, pendurado em seu pescoço⁵:

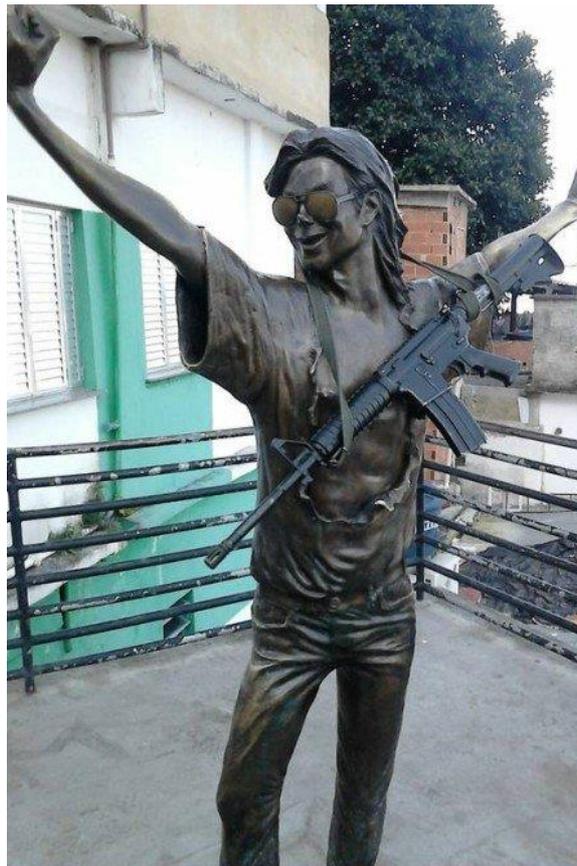


Figura 2 – Fuzil colocado na estátua de Michael Jackson, na favela Santa Marta.
Fonte: Jornal Extra

O objeto deste trabalho são os fluxos turísticos em favelas cariocas no contexto pós-Olimpíadas. Argumento que mapear as (i)mobilidades turísticas pode ser uma abertura significativa para analisar permanências e reconfigurações entre local e supra-local nas relações entre Estado, mercado e população de favelas neste contexto de crise econômica e recrudescimento da violência urbana no Rio de Janeiro.

⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/foto-da-estatuade-michael-jackson-com-um-fuzil-no-morro-dona-marta-viraliza-21703330>

Considero que observar a estreita relação entre temporalidade e fluxos de produção do espaço urbano pode ser uma significativa via de apreensão sobre efeitos relacionados à própria subjetividade dos sujeitos na localidade, considerando suas contínuas readequações no limiar entre experiências e expectativas (KOSELLECK, 2006). Oferecendo suporte à discussão, uma contextualização pode ser realizada a partir de uma análise dos significados reunidos nesta imagem. Para isso, proponho uma breve retomada do contexto urbano de produção da estátua, da favela e da cidade. Ainda que esteja estática e edificada no mesmo local, pode ser proveitoso acompanhar analiticamente seus deslocamentos e transformações em diferentes contextos sociais e simbólicos da favela.

2. Michael Jackson visita a favela carioca

Instalada no alto do morro, a estátua de Michael Jackson fica no mesmo lugar onde foram gravadas cenas para o clipe do cantor *They Don't Care About Us*, em 1996 – um acontecimento que dividiu opiniões e gerou polêmicas sobre a representação da favela carioca naquele momento⁶. De acordo com uma reportagem do mesmo ano, a presença do cantor foi valorizada pelos moradores da favela, pois a circulação das imagens do clipe traria visibilidade à comunidade, que “ainda tinha moradias sem água e esgoto”. Contrariamente, autoridades governamentais declaravam que a veiculação do clipe poderia influenciar negativamente a imagem do Brasil no cenário internacional, “associando o país à desigualdade e à miséria”⁷. Pelé, jogador de futebol, também participou da campanha para que as gravações não ocorressem. O envolvimento de um esportista nesta questão, embora aparentemente inusitada, estava vinculado à participação do Rio de Janeiro na eleição de cidade-sede dos Jogos Olímpicos 2004. Na ocasião, apesar de manifestar-se “descontente com os critérios de seleção” do fracasso da candidatura, o então governador do Rio de Janeiro, Marcello Alencar, comentou que o sonho não terminava ali: “vamos preparar uma cidade mais forte para a campanha de 2008”. Em uníssono, o presidente Fernando Henrique Cardoso também ressaltou que os compromissos do governo federal em relação ao Rio de Janeiro seriam mantidos,

⁶Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/michael-jackson-sobe-morro-grava-clipe-leva-dona-marta-para-mundo-em-96-18647055>

⁷Suspeitas de negociação sobre segurança e logística dos produtores do vídeo com o chefe do tráfico de drogas da favela, à época Marcinho VP, deram ainda mais força às polêmicas (MORAES, 2016).

porque “o Rio deve ser preparado como se a cidade viesse a ser sede das Olimpíadas agora, para estar bem posicionado para uma próxima candidatura”⁸. A atração destes eventos significaria importantes intervenções no espaço físico da cidade, além da diversificação de seus usos por diversos segmentos e classes sociais. Em 2002, alguns anos depois da visita de Michael Jackson à favela carioca, o Rio de Janeiro seria vitorioso na candidatura para sediar os Jogos Pan-Americanos 2007. Futuramente, esta experiência supostamente bem-sucedida seria motivo para a seleção do país como anfitrião da Copa do Mundo 2014 e da cidade para os Jogos Olímpicos 2016. Estava evidente que no horizonte do Rio de Janeiro se descortinavam justificativas e investimentos para significativas transformações urbanas.

Embora o enfoque da produção urbana deste tipo de evento sejam os estádios e os locais onde os jogos acontecem, sabe-se que seus fluxos constitutivos de pessoas, mercadorias, serviços e capital provocam efeitos socioterritoriais que atingem outros domínios urbanos. Entre outros, destaco a “infraestrutura de transportes, os aparatos de segurança e os equipamentos turísticos”⁹. Contudo, a atratividade deste fluxo de investimentos depende do reposicionamento da cidade em um cenário global, onde a constituição de uma “identidade translocal” estaria associada à construção de um imaginário “muitas vezes utópico”¹⁰. Ainda que se desenvolvam a partir de um modelo pré-estabelecido instituído por entidades como a Fédération Internationale de Football Association - FIFA e o Comitê Olímpico Internacional - COI, a abrangência de diversas camadas de governança, transformações urbanas e recursos financeiros tornam

⁸ Nesta candidatura, a cidade do Rio de Janeiro foi preterida a Buenos Aires (Argentina) como representante da América do Sul. As outras cidades finalistas foram Atenas (Grécia), Roma (Itália), Cidade do Cabo (África do Sul) e Estocolmo (Suécia).

⁹ Estes complexos que surgem com a produção dos megaeventos são chamados de “constelações esportivas” (GAFFNEY, 2015). As constelações esportivas seriam constituídas por “lugares, espaços e sistemas de fluxos que os ligam. Trata-se de “elementos tangíveis e físicos da cidade-sede, tais como infraestruturas de transporte, equipamentos esportivos, amenidades turísticas, centros culturais, projetos ambientais, moradias e aparatos de segurança”.

¹⁰ Salazar (2017) reconhece mega-eventos como referências a um evento de duração fixa que pode ser “extra-ordinário”, em larga escala e itinerante. Compreendido como “um catalisador para o desenvolvimento e uma maneira de legitimar transformações em larga escala”, estes eventos oferecem aos governos locais uma justificativa para “repriorizar a agenda urbana sem o escrutínio público que normalmente recebem” (2017, p. 17). Sigo pistas deixadas pelo trabalho deste antropólogo, que menciona a necessidade de investigar de que forma estes eventos são recebidos ou consumidos, e quais reações são produzidas em resposta a eles.

complexo o estabelecimento de uma descrição totalizada da multiplicidade de práticas e técnicas que resultam destes chamados “megaeventos”¹¹.

Desta forma, nesta discussão a produção destes eventos não interessa apenas fundamentalmente, mas pelas dinâmicas urbanas provocadas antes, durante e depois de sua constituição. Interessa o gerenciamento de “identidades, imagens e reputações” antes, durante e depois do evento em si, considerando a tensão entre várias mobilidades e imobilizações implícitas neste complexo processo de construção urbana (SALAZAR, 2017). A produção do imaginário urbano relacionado a este momento e a centralização da favela carioca como parte deste processo produzem expectativas e influências que impactam de maneira significativa o cotidiano local. A circulação de imagens da favela era percebida pelos moradores do Santa Marta como uma possibilidade de denuncia sobre a vulnerabilidade das condições de sobrevivência na favela. É importante examinar qualitativamente de que forma os sujeitos são impactados pelos efeitos das práticas e construções discursivas dos referidos processos de “revitalização” urbana¹².

3. Representatividade global da Laje Michael Jackson

Além da estátua, inaugurada em 2010, a “Laje Michael Jackson” conjuntamente recebeu obras de urbanização, a reforma de uma loja de *souvenirs* e um mosaico do artista Romero Britto. Realizada pelo cartunista Ique Woitschah, a estátua foi posicionada na laje com vista panorâmica incluindo a favela, a cidade, o mar e o Cristo Redentor. A laje tornou-se um espaço apropriado para diferentes razões, como recreação infantil, churrascos, celebrações locais, rodas de samba, atração de turistas e produção de *selfies*. Considerando que mediações simbólicas entre diferentes ordens de realidade podem ser produzidas e interpretadas no contexto em que emergem, os valores e significados investidos na presença permanente do ídolo americano, em bronze, também concebem diferentes significados sobre o próprio lugar. Neste sentido, a instalação da estátua e a produção daquela laje como lugar turístico pode ser considerada simbólica pela mediação de significados, atribuídos à circulação

¹¹Corroboro a argumentação de Gaffney (2015), que reconhece nestes “megaeventos” a ocorrência de “processos disciplinares longos que incorporam mecanismos de poder espacial e social”, desenvolvidos a partir da conjunção entre “racionalidade econômica e controle social com objetivos preestabelecidos”.

¹²De acordo com Gutterres (2016), o recorrente acionamento discursivo do termo “revitalização” neste momento chama a atenção tanto para a fabricação de normas e lineamentos que definem como o espaço será narrado e quem vive ou viverá nele, mas também evidencia o questionamento sobre qual vida está sendo ressaltada – e qual não está.

supostamente possibilitada pacificação, sobre determinados grupos de indivíduos - como moradores, pesquisadores e os próprios turistas.

A favela Santa Marta foi o primeiro local a receber uma UPP, oficialmente instalada em 19 de dezembro de 2008. A realização do programa das Unidades de Polícia Pacificadora, inspirado em tentativas anteriores de policiamento de proximidade¹³, torna-se um paradigmático dispositivo vinculado à representação social da violência no Rio de Janeiro. A instalação dos postos das UPPs, estrategicamente ao redor dos locais dos eventos, bem como de áreas de circulação turística e de interesse do capital imobiliário, indica a geração de um “cinturão de segurança” (CANO; BORGES; RIBEIRO, 2012) como garantia para investimentos e revitalização urbana¹⁴ (SÁNCHEZ; BROUDEHOUX, 2013). Devido à necessidade de mudança da narrativa sobre a violência urbana no Rio de Janeiro, principalmente em função da preparação para a Copa do Mundo 2014 e Jogos Olímpicos 2016, o espetáculo midiático de policiais e tanques de guerra “libertando” a cidade produziu imagens que circularam por todo o mundo. Imediatamente, forças privadas e do Estado penetraram no território destas favelas - em diferentes configurações (OST; FLEURY, 2013; TELLES, 2015).

Dada a histórica atribuição entre criminalidade, violência urbana e favelas cariocas, programas de políticas sociais associados às favelas são historicamente associados à Secretaria de Segurança Pública (BURGOS, 1998; MACHADO DA SILVA, 2010; VALLADARES, 2005). A necessidade governamental de reduzir a violência e exercer controle efetivo sobre seu território (FLEURY, 2012) é justificada pelo fortalecimento da economia carioca a partir do aumento do número de visitantes (CARVALHO, 2013) em direção à hipótese de um “legado”¹⁵. Devido à

¹³Entre outros casos a serem discutidos durante este trabalho, me refiro ao projeto de Grupamento de Policiamento de Áreas Especiais - GPAE nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho. A experiência é baseada no modelo de polícia comunitária, priorizando ações de prevenção como forma de evitar a violência, o enfrentamento e o uso de armas na comunidade.

¹⁴ Parte significativa das UPPs instaladas na cidade do Rio de Janeiro ficava dentro dos “anéis olímpicos”, região sinalizada como área de interesses relacionados aos Jogos Olímpicos (CANO; BORGES; RIBEIRO, 2012).

¹⁵A respeito de “legado”, vale uma breve análise sobre este termo. Para Magalhães (2013), no contexto de produção urbana associada à Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016, tal expressão passaria a figurar em inúmeras situações nas quais fosse necessária uma explicação acerca das consideráveis intervenções urbanas que as cidades vinham recebendo nos últimos anos. É pertinente observar que os efeitos são variáveis de acordo com os grupos sociais afetados, circunstancialmente podendo ser referidos como “positivos ou negativos, intencionais ou não, tangíveis ou intangíveis, caros ou baratos, planejados ou não planejados, territoriais ou pessoais, de curto ou longo prazo popular ou impopular”. Entretanto, em uma análise macro, vale a análise de Gaffney (2015), que menciona um tipo de 'síndrome do megaevento', que

espetacularização midiática à aparente mudança paradigmática ou ao contexto em que estava inserido, é decerto afirmar que a UPP recebeu visibilidade pela contínua referência à “*resolução do problema da favela*”. Além de “*combater a violência nas favelas*”, o projeto também teria atributos alusivos à *entrada na favela* de serviços públicos, infraestrutura, projetos sociais, investimentos privados e oportunidades de comércio, de acordo com o escopo inicial do projeto¹⁶. Durante o desdobramento do projeto, é possível notar a ênfase em um planejamento urbano baseado na articulação entre uma “lógica militarizada de gestão de espaços e territórios urbanos” (LEITE, 2017; MENEZES, 2015b; ROY, 2011; TELLES, 2015) e o deslocamento de fronteiras urbanas como “frente de expansão do capital financeiro” (ROY, 2011; TELLES, 2015). Moradores de favelas pacificadas indicam a materialização desta forma de expansão: a entrada da polícia foi perseguida de perto por companhias de serviços, comunicação e comércio (OST; FLEURY, 2013)

A produção e o desenvolvimento do turismo influenciam diretamente o cotidiano da favela produzida pelo regime discursivo da “pacificação” - onde as favelas com UPP são celebradas como territórios de oportunidade (DE TOMMASI; VELAZCO, 2013; LEITE, 2014, 2017; ROCHA; CARVALHO, 2018). Em uma paradoxal mudança de narrativa institucional e midiática, a favela Santa Marta transita dos noticiários de violência urbana para representações de turistas registrando *selfies* juntamente com a estátua na favela. Se em momentos anteriores a divulgação internacional da favela prejudicaria a imagem do país, neste momento ela estaria sendo celebrada como um importante símbolo da “pacificação”. A reprodução simbólica de uma “favela pacificada” estaria engajada à produção de uma cidade segura para visitação, investimentos e comércio. Naquele momento, a favela Santa Marta era reconhecida por ser “ainda mais pop 20 anos após Michael”¹⁷ - a favela tornava-se um ponto turístico oficial da cidade¹⁸.

seria um conjunto de sintomas que ocorrem juntos e afligem o planejamento de megaeventos, incluindo “super promover os benefícios, subestimar custos, reescrever prioridades de planejamento urbano para se adequar ao evento, usando público recursos para o interesse privado e suspendendo o estado de direito regular”.

¹⁶Em relação ao projeto, Leite (2017) menciona a partir de uma força militar estatal permitindo que o Estado exercesse sua soberania, implementando sua presença efetiva por meio de suas instituições específicas e concessões de serviços públicos que realizariam a integração urbana constantemente prometida das favelas.

¹⁷A reportagem contrapõe dois aspectos: o sucesso individual de alguns moradores que se envolveram em negócios de cultura na favela e a distância da “tão sonhada estrutura”, relatando problemas de coleta

A inauguração da estátua de Michael Jackson ocorre no contexto de execução do *Rio Top Tour*, um projeto de Turismo de Base Comunitária apresentado como “uma possibilidade de aproveitar o potencial turístico das comunidades carentes a partir da inclusão dos próprios moradores” (FREIRE-MEDEIROS, 2015). Envolvendo o Governo Federal, Governo Estadual e o SEBRAE, associando inclusão social e possibilidade de negócios (Ibid.), o projeto produziu efeitos contundentes que seguem reverberando na favela. Motivados pela expectativa de alcançar uma melhor qualidade de vida, diversos moradores passaram a movimentar suas vidas em direção ao mercado, influenciados pela promessa da “inclusão social”. Em uma redefinição do “dentro” e do “fora” sob a conversão de moradores e trabalhadores em empreendedores, esta “inclusão produtiva” é baseada em um modelo de sociabilidade que tem no mercado sua referência (DE TOMMASI, 2018; ROCHA; CARVALHO, 2018; ROY, 2010, 2011; TELLES, 2015). Muitos moradores abriram seus próprios negócios relacionados a turismo, gastronomia, comércio, atividades culturais, entre outras formas da chamada economia criativa (YÚDICE, 2004). Conseqüentemente, com o estabelecimento de um mercado e o surgimento de novos negócios, diferentes formas de associativismo emergiram no local, como organizações de empreendedores de favela, guias do turismo e movimentos culturais. Contudo, toda esta transformação social era percebida como efeito da “pacificação” na favela.

4. Enquadrando Michael Jackson e um fuzil

Na semana anterior à divulgação da imagem da estátua com o fuzil, em Agosto de 2017, o chefe do tráfico de drogas na favela, conhecido como Mãozinha, havia sido baleado e preso após uma intensa troca de tiros durante a noite. Foi apurado que a operação policial ocorreu durante a participação de um evento em comemoração a seu aniversário, na Praça do Cantão. De acordo com a própria UPP Santa Marta, os responsáveis pela foto da estátua com o fuzil eram participantes da quadrilha de Mãozinha. Tornava-se institucionalmente explícito que o processo de “pacificação” na

de lixo, distribuição de água e eletricidade. Além disto, a formalização dos serviços ocasiona um aumento significativo, questionado pelos moradores. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/santa-marta-ainda-mais-pop-20-anos-apos-michael-18686557>

¹⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/06/estatua-de-michael-jackson-e-inaugurada-no-morro-santa-marta.html>

favela Santa Marta também estava acometido e permeado pelo quadro de recrudescimento da violência na cidade:

"A assessoria de imprensa informa que o Setor de Inteligência da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) Santa Marta já identificou os suspeitos - alguns com mandado de prisão em aberto - e está realizando uma ação para prendê-los. Os criminosos fazem parte da quadrilha de Marco Pollo Lima dos Santos, conhecido como Mãozinha, que estava foragido da justiça e foi preso pela UPP no último dia 27. Cabe ressaltar que a foto possivelmente foi tirada no início da manhã — horário onde há maior movimento nas vielas — para evitar confronto com policiais da UPP".¹⁹

Imediatamente após o fim das Olimpíadas de 2016, reportagens e imagens componentes de uma narrativa de crise econômica passaram a circular por canais institucionais do Estado e pela grande mídia. A partir disto, foi perceptível uma mudança do enquadramento²⁰ das políticas públicas, especialmente as relacionadas à gestão de territórios e populações de favelas. Neste momento, onde se acumulam acontecimentos que evidenciam a fragilidade das UPPs, é possível destacar episódios de falhas, críticas e o progressivo rompimento de um consenso estabelecido anteriormente sobre o projeto e sobre os métodos de atuação da polícia militar (MENEZES, 2015a, 2014)²¹. Entre estes episódios, são acontecimentos decisivos o desaparecimento do pedreiro Amarildo na favela da Rocinha; a declaração de Estado de Calamidade Pública posterior aos Jogos Olímpicos 2016²², impedindo o cumprimento de compromissos assumidos pelo governo com a sociedade; e a derrocada do governo Sérgio Cabral, com o pedido de exoneração do secretário José Mariano Beltrame e a prisão do ex-

¹⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/estou-revoltado-indignado-diz-autor-de-escultura-do-michael-jackson-21707410>

²⁰ Reconheço o termo “enquadramento” pelo valioso trabalho de Goffman (1974) relacionado à identificação da produção angular de sentido em acontecimentos noticiados, destacando certos aspectos e minimizando outros, interferindo em processos de mudanças sociais. Por sua vez, Butler (2015) percebe as relações de poder em torno da possibilidade de um enquadramento. Em um jogo de palavras, o termo “*to be framed*” pode ter sentido atribuído a “emoldurado”, “incriminado”, ou mesmo “injustiçado”. Para a filósofa, enquadramentos são forma de produzir regimes normativos que produzem asujeitamentos e, no limite, direcionam a interpretação de “vidas” que devem ser reconhecidas ou não. Este termo será abordado novamente durante o aprofundamento etnográfico neste trabalho – no capítulo 2.

²¹ Sobre o desgaste da imagem da Polícia Militar, Rocha (2018) menciona que apesar do projeto das UPPs ter sido um ponto central na reeleição em primeiro turno do governador Sérgio Cabral, em 2010, as manifestações de 2013 no Rio de Janeiro questionaram diretamente a corporação e pediram seu fim: “mortes cada vez mais publicizadas na mídia foram se acumulando: a chacina da Maré (em que dez pessoas morreram no meio dos protestos de junho de 2013), o pedreiro Amarildo (desaparecido na Rocinha em julho de 2013), Claudia Silva Ferreira (cujo corpo arrastado por um camburão chocou a opinião pública em 2014), os cinco jovens assassinados em Costa Barros com 111 tiros (em 2015), entre outros tantos casos” (2018, p. 234).

²² Na ocasião, o então governador Dornelles mencionou a possibilidade de “total colapso na segurança pública, na saúde, na educação, na mobilidade e na gestão ambiental” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36566996>

governador por corrupção²³. Se políticas de segurança pública podem ser interpretadas como um parâmetro das formas de atuação do governo sobre territórios de favelas cariocas, os Jogos Olímpicos são simbolizados pela pacificação onde o controle militarizado possibilita a capilaridade mercadológica. Por sua vez a declaração de uma Intervenção Militar-Federal na cidade em 2018 é significativa de uma mudança angular de propósito governamental sobre estes territórios – torna-se questionável se a favela ainda é produzida como “lugar de oportunidade”.

No início da Intervenção, o General Richard Nunes, então responsável pela segurança pública do estado, apoiou-se em um estudo técnico realizado pela própria Polícia Militar para reduzir o projeto das UPPs quase à metade. A extinção de 13 unidades foi justificada por serem “áreas onde a política de pacificação fracassou”. No momento da decisão, a Polícia Militar não divulgou o referido estudo, tornando obscuro e impreciso o critério técnico relacionado à decisão sobre a diminuição das UPPs e o impacto sobre as populações. Entretanto, é possível que a decisão tenha sido apoiada em um relatório da “Comissão de Análise de Vitimização da Polícia Militar do Rio de Janeiro“, divulgado alguns meses antes, que sugeriu a “desmobilização de unidades asfixiadas pelo crime”. Uma análise cronológica de dados relacionados à expansão da violência em favelas com UPPs permite observar que esta “asfixia” não ocorreu de maneira repentina.²⁴ É interessante notar que a “total perda de efetividade” tenha sido evidenciada de maneira institucional somente neste momento.

Na favela Santa Marta, apesar da manutenção institucional do projeto, a sensação local é de esgotamento da UPP. O território da favela volta a ser ocupado por grupos armados de varejistas do mercado ilegal de drogas, e a impossibilidade de um “policiamento de proximidade” ocasiona a retomada de conflitos armados para

²³ Posteriormente, o ex-secretário de Segurança foi denunciado por ter se beneficiado do esquema de corrupção de Sérgio Cabral. De acordo com uma delação, de 2007 a 2014, Beltrame recebeu um valor mensal de R\$ 30 mil, recursos que teriam sido entregues à sua esposa. O ex-secretário e sua mulher negam as acusações. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/beltrame-foi-beneficiado-por-esquema-de-cabral-diz-carlos-miranda-22638762>

²⁴ A partir de uma consulta aos dados do Instituto de Segurança Pública baseado nos 10 anos de projeto, é possível analisar a curva de funcionamento e efetividade relativa aos objetivos do projeto. Em dados gerais, de dezembro de 2008 até o final de 2018, foram registrados 1627 homicídios em áreas de UPPs, sendo 687 mortes por intervenção policial, de acordo com o ISP. No total, houve 60 polícias militares assassinados, com a média de 1 policial assassinado a cada 2 meses. Entretanto, considerando que o primeiro óbito ocorreu após 4 anos de existência do projeto, após 2012 a média é de 1 policial morto a cada 40 dias. Em relação ao índice de mortes violentas, a partir de 2014 a quantidade triplicou, passando de 11 para 35 a cada 100 mil habitantes em 2017.

circulação e permanência em pontos estratégicos da favela. A sensação de risco e perigo dentro da favela é grave. Além de conviverem com riscos relacionados aos tiroteios frequentes, moradores relatam que policiais estariam agredindo moradores de forma física e verbal, entrando nas casas sem autorização judicial, revirando imóveis e roubando pertences. Além disso, há relatos de celulares pegos por policiais e revistados sem autorização, adultos sendo revistados por policiais armados na frente de seus filhos e mulheres sendo revistadas por homens²⁵.

Se o turismo outrora foi instrumentalizado como uma maneira de evidenciar a “conquista do direito de ir e vir”, possibilitada pelo controle militarizado na favela, a penetração de agentes externos agora se encontra comprometida pela interrupção constante e inesperada das rotinas diárias pela violência urbana. Apura-se localmente que houve a circulação mensal de mais de 5.000 turistas pela favela durante os meses adjacentes aos Jogos Olímpicos de 2016. No período pós-instalação da UPP, a regularidade era cerca de 2.000 por mês. Atualmente, não chegam a 200, segundo empreendedores do turismo. De forma geral, o crescimento do turismo no país entre 2012 e 2017 foi apenas “modesto”, o que representa um fracasso relacionado à expectativa projetada²⁶. Em uma entrevista concedida à Agência Nacional das Favelas, um empreendedor do Santa Marta, Thiago Firmino, menciona que “a pacificação melhorou as coisas para empreendedores porque a favela ganhou visibilidade”. Por outro lado, a atenção sobre preservação e planejamento mostra-se como uma estratégia constante: “o segredo para os negócios é que você não pode estagnar, ou vai morrer na praia. É preservar e se planejar“. Thiago têm se envolvido com questões relacionadas aos abusos da polícia e reivindicações por direitos sociais na favela, além de considerar a possibilidade da pacificação realmente chegar ao fim: “vai que daqui a cinco anos a UPP acaba de vez e ficamos sem condições de trabalhar? Tem que pensar no futuro”²⁷.

Experiências de violência tornam-se impeditivos à precedente composição de circuitos do mercado na favela. Moradores que empreenderam suas escolhas de vida influenciados pela projeção discursiva das oportunidades da pacificação, agora têm seus

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/01/14/moradores-da-favela-santa-marta-na-zona-sul-do-rio-relatam-abusos-da-pm.ghtml>

²⁶ O relatório produzido pela agência internacional Euromonitor indica que o Brasil teve um crescimento anual de 3% no número de chegadas de estrangeiros entre 2012 e 2017, contra quase 6% na Costa Rica, 8% no México e 10% no Chile e na Colômbia. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/copa-e-olimpiadas-nao-impulsionaram-turismo-no-brasil-diz-euromonitor/>

²⁷ Disponível em: <https://www.anf.org.br/entrevista-thiago-firmino-empendedor-do-santa-marta/>

sonhos posicionados em situação indefinida e contingente. Busco desviar de rótulos ou descrições simplistas que “cristalizam e essencializam” (DE TOMMASI, 2018) o estímulo ao empreendedorismo em oposições binárias ao invés de compreender a complexidade da territorialização de intervenções urbanas e formas de influência subjetiva. Contudo, com vistas aos acontecimentos recentes na favela Santa Marta, é possível afirmar que não ocorreram transformações significativas em dispositivos de exceção na gestão urbana: populações de favelas e periferias, jovens e negros, empreendedores ou não, permanecem como as principais vítimas de ações policiais violentas e arbitrárias na cidade²⁸.

5. Tiroteio na laje turística

Desde a inauguração da laje Michael Jackson, diversos acontecimentos levaram repórteres ao local para registrar e divulgar imagens. Por exemplo, durante a Copa do Mundo 2014 os jogadores da seleção holandesa, vencedores do campeonato, estiveram na favela, participaram de atividades culturais, jogaram futebol com crianças e “tiveram contato com a pobreza no Rio”²⁹. Os atletas foram conduzidos não somente por guias de turismo: um grupo de quatro policiais acompanhou toda a movimentação. É possível que esse cuidado adicional fosse um sintoma do que aconteceria nos próximos anos. No final de 2018, no mesmo local onde os jogadores da Holanda estiveram pintando gravuras nas paredes, um policial militar foi atingido no pescoço durante um confronto armado na laje Michael Jackson³⁰. Segundo relatos de moradores da região, as trocas de tiros começaram às 6h30, durante a troca de turno dos policiais da Unidade de Polícia Pacificadora. No mesmo dia, as trocas de tiros voltaram a acontecer às 8h.

²⁸ Em seu trabalho sobre o “Empreendedorismo cultural nas margens da cidade”, De Tommasi (2018) problematiza a visibilidade evocada por agentes externos (poder público, mídia, academia) sobre favelas. Ainda que em um intento de “acionar um novo regime discursivo sobre a “favela”, argumentando sobre sua “potência” (...), ou para ilustrar a valorização da “diversidade” na cidade, ou ainda para mostrar novas formas de engajamento político dos jovens” (2018, p. 196), é indispensável que “não faça esquecer” as questões sociais - como violência policial - que historicamente afetam territórios marginalizados.

²⁹ Um dos jogadores compartilhou sua sensação durante a experiência: “Ao mesmo tempo em que você tem uma vista incrível da cidade, você fica pensando em como pessoas conseguem sobreviver nessas condições. Na Holanda, há lugares pobres também, mas não como esse. É muito diferente. É uma experiência interessante, para refletir sobre a vida” Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/selecao-da-holanda-faz-turismo-em-favela-tem-contato-com-pobreza-no-rio-13094813>

³⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/12/12/policial-e-baleado-em-troca-de-tiros-no-morro-dona-marta-na-zona-sul-do-rio.ghtml>

É importante explicitar que desde o início do programa de pacificação na favela Santa Marta ocorrem críticas pela continuidade de formas de violência. Analisando o conteúdo dos rumores que circularam localmente durante este período (MENEZES, 2018), é possível apreender que as desconfianças se referiam à sensação de risco por formas de atuação violenta por pessoas vinculadas ao tráfico e também pelos policiais militares, além da submissão a um tipo de monitoramento da vida cotidiana que ocorria de ambas as partes. Entretanto, em relação a um período onde não havia mais tiroteios, a coexistência calculada entre polícia e tráfico deu lugar à disputas territoriais marcadas por tiroteios constantes. De acordo com dados do Instituto de Segurança Pública - ISP, nos primeiros 5 anos de UPP houve apenas três tentativas de homicídios registradas no local. Desde 2013, o número de casos chega a 92. Em 2019, são registrados cerca de 2 tiroteios por semana. Após resultados pouco consistentes sob o comando do Exército brasileiro na Segurança Pública, sintomas do aumento da violência urbana eram percebidos em diversas partes da cidade: durante uma semana de intensos tiroteios no Santa Marta, uma moradora do bairro de Botafogo foi baleada dentro de sua casa ³¹. A impressão de uma cidade mais segura passa a ser diariamente desconstruída.

Ainda que o governo do Estado posicione-se em sentido de “reestruturar e manter” algumas UPPs – referidas como “mais emblemáticas do processo de pacificação” -, é importante evidenciar que o governador do estado do Rio de Janeiro eleito para o mandato de 2019 a 2022, Wilson Witzel, tornou-se reconhecido pela mobilização de uma retórica discursiva de confronto e guerra às favelas – com efeitos manifestados logo nos primeiros meses do governo³². A justaposição entre práticas políticas, culturais e econômicas que centralizam o controle militarizado de vidas e

³¹ A reportagem menciona que “de acordo com informações da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), policiais foram atacados por criminosos durante um patrulhamento de rotina e trocaram tiros”. O prédio onde a moradora foi baleada fica a um quilômetro da favela. O tiroteio na região começou por volta das 20h de um domingo, e o projétil atravessou uma vidraça e acertou moradora no banheiro do apartamento em Botafogo Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/24/mulher-e-baleada-em-botafogo.ghtml>

³² No início de 2019, 13 pessoas foram mortas em uma operação da polícia militar no morro do Fallet, no centro da cidade. Moradores locais afirmaram que as mortes aconteceram depois que os suspeitos já haviam se rendido. A Polícia Militar, no entanto, alega que houve confronto com os traficantes. De acordo com relatos de moradores, os policiais: “Xingaram a gente de vagabunda e piranha. Disseram que mataram dez e que matariam mais vinte. Entraram na minha casa perguntando se eu era viciada. Não deixaram morador sair da comunidade para ir ao médico. Eles gritavam 'socorro', 'não me mata’”. Na ocasião, o governador Wilson Witzel mencionou que “não cabe ao governador fazer juízo de valor”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/defensoria-do-rio-ve-indicios-de-fuzilamento-em-acao-policial-que-matou-13.shtml>

territórios como ordenador da vida social é continuamente aplicada como elemento da produção urbana e justificação da violência urbana - e policial³³. A partir de um estereótipo que associa favelas e crime, desumanizando seus moradores, é produzido um regime que explicita implicações de exposição à morte sobre populações das favelas³⁴.

Em março de 2019, imagens realizadas por um helicóptero durante as primeiras horas da manhã impressionaram por seu conteúdo violento. Um incêndio estava acontecendo dentro da favela. Era um sofá em chamas. A princípio, foi considerado que poderia ter sido uma atitude irresponsável realizada para impedir o deslocamento da polícia pela favela. Entretanto, um pouco depois um policial pertencente à UPP Santa Marta foi flagrado atirando objetos de um bar no fogo, alimentando a fogueira. De acordo com o secretário da PM, Rogério Figueiredo, “o local é um ponto de venda de drogas utilizado por traficantes”³⁵. Não obstante à ilegalidade atear fogo a pertences de outras pessoas, independente de sua procedência³⁶, foi destacado pelos repórteres o risco de se provocar um incêndio dentro de uma favela. A proximidade a casas, fios elétricos e materiais inflamáveis poderia ter ocasionado uma tragédia. Talvez esta imagem represente bem o momento da favela: o confronto entre policiais e pessoas envolvidas com o crime ofusca os interesses da população local, oferecendo riscos a suas vidas por habitarem e residirem na favela.

³³ Me refiro a um tipo de “urbanismo militarizado”, mencionado por Graham (2016) para a normalização de um estado de guerra irrestrito, indeterminado e constante nas sociedades modernas.

³⁴ Considerando o biopoder como o termo referente à prática dos estados modernos e a regulação de sujeitos aplicada às vidas que seriam úteis, produtoras de valor e reprodutoras do capital, Mbembe (2016) considera a análise insuficiente. De maneira complementar, a necropolítica se aplica às vidas supostamente dispensáveis para a reprodução do capital. A partir de uma exposição à morte, intermediada por uma marginalização sociopolítica – geralmente direcionada a corpos pretos, pobres e periféricos, ou a territórios demarcados por essa representação social a militarização constrói, nesse sentido, uma forma da biopolítica que “faz viver e deixa morrer” através do estabelecimento de laços fortes entre o “fazer viver” no sofrimento e o “deixar morrer” pelo assassinato.

³⁵ A Polícia Militar, através de um porta-voz, manifestou-se a respeito: "O policial que tomou a iniciativa de incendiar o sofá pertence ao efetivo da própria UPP Santa Marta. Já foi identificado e já está prestando depoimento sobre sua conduta. Caso não aduza argumentos que afastem e justifiquem sua conduta, será punido de imediato" Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/26/imagens-mostram-pm-queimando-moveis-em-favela-na-zona-sul-do-rio.ghtml>

³⁶ Independente da possibilidade do material ser pertencente a pessoas associadas ao crime, a lei vigente em um estado de direito democrático determina que ocorra a apreensão do material. A atitude de atear fogo explicita um sintoma de um estado de exceção.

6. Considerações Finais

Representações são investidas por diferentes regimes de valor, e suas trajetórias são modificadas ao longo do tempo. Se no início desta introdução o Cristo Redentor foi utilizado como um parâmetro comparativo relacionado à representação do Rio de Janeiro como uma cidade global, talvez neste momento valha encerrar a discussão recorrendo ao mesmo critério. Subversões de imagens são artifícios utilizados para compor o regime discursivo que se pretende comunicar. Neste sentido, quanto mais fácil for a compreensão da imagem proposta, maior é a abrangência alcançada.

A revista americana “The Economist” utilizou intervenções na imagem do Cristo Redentor para ilustrar suas análises sobre o Brasil³⁷. Em 2009, a imagem da estátua levantando vôo na capa “*Brazil takes off*” referia-se a um desempenho econômico invejável do país em relação a outros países do bloco econômico BRICS, e vinculava-se também à escolha do Rio de Janeiro como sede olímpica e seu protagonismo simbólico no cenário mundial. Em 2013, a mesma revista divulga uma capa em forma de auto-paródia: a imagem da estátua apresentando falhas no vôo, rodopiando e despencando na capa “*Has Brazil blown it?*” menciona que o Brasil conseguira “apenas 2% de crescimento anual” e ressalta o descontentamento da população brasileira quanto ao alto custo de vida, os serviços públicos deficientes e “a ganância e a corrupção dos políticos como impeditivos para um salto maior” – que despontaram em diversas manifestações populares em 2013. Em referência à reportagem anterior, o questionamento a partir da estátua se altera: “Será que a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos de recuperação ajudarão o país ou simplesmente vão trazer mais dívida?”.

³⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/o-brasil-estragou-tudo-pergunta-revista-britanica-the-economist-10159264>



Figura 3 – Capas da revista americana The Economist utilizando intervenções na estatuado Cristo Redentor. Fonte: O Globo

Em um contexto da modernidade onde as relações são mediadas por imagens e representações consumidas na “superfície” de vida social (DEBORD, 1991), a veiculação midiática pode funcionar como instrumento de manutenção de regimes de verdade (HALL, 1996, 2016). A difusão da imagem da estátua na favela com o fuzil é crucial para a amplificação de um discurso que já estava em evidência: o esgotamento das UPPs após os Jogos Olímpicos adquiriu tamanha proporção que atingiu até mesmo a “favela modelo” do projeto. Poucos dias depois, uma reportagem reitera o fracasso: “A UPP do Dona Marta é símbolo do começo, do auge e da decadência do programa de pacificação”³⁸. Na ocasião, a favela convivia com tiroteios pelo terceiro dia consecutivo.

A partir da análise dos significados inscritos em suas formas, usos e trajetórias, é possível interpretar as estratégias e interações que produzem a vida das coisas (APPADURAI, 1988). A existência da estátua, mesmo constituinte da produção mercadológica de uma favela que se tornou marca e modelo da “cidade pacificada”, permite interpretações a partir das interações que ocorrem ao seu redor e também a seu respeito. Se a mercantilização reside em uma complexa interseção de fatores temporais,

³⁸ A reportagem aponta que o tráfico, ainda que tenha passado “parte da década atuando de forma discreta na favela”, neste momento “voltou com tudo”. Segundo moradores, [o tráfico] “vem recrutando adolescentes que aparentam ter entre 13 e 15 anos de idade”. Armados até com fuzis, eles seriam “o retrato maior da falência do Estado” num lugar que, de 2008 a 2017, não registrou homicídios, e que somou apenas oito roubos de 2012 até 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/com-tiroteios-diarios-dona-marta-simbolo-do-auge-da-decadencia-das-upps-23016758>

culturais e sociais, pode ser significativo refletir sobre os regimes que tornam uma figura estrangeira a principal marca da identificação produzida sobre um território brasileiro. Além disto, a representação simbólica da laje Michael Jackson é contestada localmente por moradores que denunciam um “apagamento” da história de lutas comunitárias por direitos sociais que poderiam ser rememoradas a partir do mesmo espaço. Simultaneamente, a prevalência de mercadorias turísticas que trazem imagens do cantor, como camisetas, canecas, cangas e enfeites talvez seja uma maneira de manter esperanças de mudança através da visibilidade; ou o interesse de turistas por estas mercadorias, como recurso de memória da favela, talvez seja expressivo sobre a forma que a experiência turística os afetou. Durante os roteiros turísticos, é comum que os visitantes sejam convidados a assistir o vídeo produzido na visita cerca de 20 anos antes. Na abertura do clipe, antes da favela aparecer, uma filmagem do Cristo Redentor é acompanhada por uma afirmação ao fundo: “Michael, eles não ligam pra gente!”.

Considero indispensável confrontar narrativas que constituem ideias reducionistas sobre este momento. Por exemplo, aponta-se que com o retorno dos tiroteios “a favela voltou para o mesmo lugar de antes”. Ouvi esta referência relacionada ao Santa Marta, mas é uma frase que se adéqua convenientemente à “favela” compreendida de forma generalizada como um problema constante no contexto urbano carioca. Talvez a própria imagem da estátua com o fuzil seja interessante para constituir uma elaboração contrária. Argumento que após os Jogos Olímpicos 2016 ocorre a sobreposição entre momentos anteriores: um imaginário produzido pela gramática da pacificação, onde oportunidades e negócios eram ambicionados pelas pessoas, associa-se a esta retomada da violência e a frustração das expectativas produzidas anteriormente. No caso do Santa Marta, moradores são impactados por relações de poder que impactam a favela tanto como integrante representatividade externa da favela, quanto nas dinâmicas locais. Novas circunstâncias estão postas neste momento onde a “metáfora de guerra” é reconfigurada e sobreposta à “gramática da pacificação” (LEITE, 2017; MENEZES, 2015b; ROCHA; CARVALHO, 2018). Urge a necessidade de registrar analiticamente o cotidiano da favela para investigar e apurar os efeitos deste momento.

Referências Bibliográficas:

- APPADURAI, A. **The social life of things: Commodities in cultural perspective**. [s.l.] Cambridge University Press, 1988.
- BURGOS, M. B. Dos parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. **Um século de favela**, v. 5, p. 25–60, 1998.
- CANO, I.; BORGES, D.; RIBEIRO, E. Os donos do morro: uma avaliação exploratória do impacto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro. 2012.
- CARVALHO, M. B. A política de pacificação de favelas e as contradições para a produção de uma cidade segura. 2013.
- DE TOMMASI, L. Empreendedorismo cultural nas margens da cidade. In: **Militarização no Rio de Janeiro: da pacificação à intervenção**. [s.l.] Editora Mórula, 2018.
- DE TOMMASI, L.; VELAZCO, D. A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 56, p. 15–42, 2013.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. [s.l.] mobilis in mobile, 1991.
- FLEURY, S. Militarização do social como estratégia de integração-o caso da UPP do Santa Marta. 2012.
- FREIRE-MEDEIROS, B. Governamentalidade e mobilização da pobreza urbana no Brasil e na África do Sul: favelas e townships como atrações turísticas. **BIRMAN, P., LEITE, MP, MACHADO, C. e CARNEIRO, S. “Dispositivos Urbanos e Tramas dos Viventes: ordens e resistências”**. RJ: Editora FGV/FAPERJ, 2015.
- GAFFNEY, C. Segurança pública e os megaeventos no Brasil. 2015.
- GRAHAM, S. **Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar**. [s.l.] Boitempo Editorial, 2016.
- GUTTERRES, A. DOS S. O rumor e o terror na construção de territórios de vulnerabilidade na zona portuária do Rio de Janeiro. **Mana**, v. 22, n. 1, p. 179–209, 2016.
- HALL, S. Who needs identity. **Questions of cultural identity**, v. 16, n. 2, p. 1–17, 1996.
- HALL, S. Cultura e representação. **PUC-Rio: Apicuri**, 2016.
- KOSELLECK, R. Futuro passado. **Rio de Janeiro: Contraponto**, p. 25, 2006.
- KOTLER, P. **Marketing places**. [s.l.] Simon and Schuster, 2002.
- LEEDS, A.; LEEDS, E. **A sociologia do Brasil urbano**. [s.l.] Zahar Editores, 1978.

LEITE, M. P. Entre a ‘guerra’ e a “paz”’: Unidades de Polícia Pacificadora e gestão dos territórios de favela no Rio de Janeiro”. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 7, n. 4, p. 625–642, 2014.

LEITE, M. P. State, market and administration of territories in the city of Rio de Janeiro. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 14, n. 3, 2017.

MACHADO DA SILVA, L. A. M. DA. “Violência urbana”, segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual. **Caderno CRH**, v. 23, n. 59, p. 283–300, 2010.

MAGALHÃES, A. O “legado” dos megaeventos esportivos: a reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 40, p. 89–118, 2013.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. n. 32, 2016.

MENEZES, P. Será que estaremos aqui quando as Olimpíadas chegarem? Novas oportunidades e preocupações pós-UPP na “favela modelo”. **Trama: indústria criativa em revista ISSN 2447-7516**, v. 1, n. 1, 2015a.

MENEZES, P. V. Os rumores da ‘pacificação’’: A chegada da UPP e as mudanças nos problemas públicos no Santa Marta e na Cidade de Deus’. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 7, n. 4, p. 665–684, 2014.

MENEZES, P. V. **Entre o" fogo cruzado" eo" campo minado": uma etnografia do processo de" pacificação de favelas cariocas**. [s.l.] Uitgever niet vastgesteld, 2015b.

MENEZES, P. V. Monitorar, negociar e confrontar: as (re) definições na gestão dos ilegalismos em favelas “pacificadas”. **Tempo Social**, v. 30, n. 3, p. 191–216, 2018.

MORAES, C. Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso. **Plural-Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 2, p. 65–93, 2016.

OST, S.; FLEURY, S. O mercado sobe o morro: a cidadania desce?: efeitos socioeconômicos da pacificação no Santa Marta. 2013.

ROCHA, L. DE M. Democracia e militarização no Rio de Janeiro: “pacificação”, intervenção e seus efeitos no espaço público. **Militarização no Rio de Janeiro: da “pacificação” à intervenção**. Rio de Janeiro: Mórula, p. 223–239, 2018.

ROCHA, L. DE M.; CARVALHO, M. B. Da “cidade integrada” à “favela como oportunidade”: empreendedorismo, política e “pacificação” no Rio de Janeiro. **Cadernos MetrÓpole.**, v. 20, n. 43, p. 905–924, 2018.

ROY, A. **Poverty capital: Microfinance and the making of development**. [s.l.] Routledge, 2010.

ROY, A. Slumdog cities: Rethinking subaltern urbanism. **International journal of urban and regional research**, v. 35, n. 2, p. 223–238, 2011.

SALAZAR, N. B. Exposing sports mega-events through a mobilities lens. 2017.

SÁNCHEZ, F.; BROUDEHOUX, A.-M. Mega-events and urban regeneration in Rio de Janeiro: planning in a state of emergency. **International Journal of Urban Sustainable Development**, v. 5, n. 2, p. 132–153, 2013.

TELLES, V. Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. **Revista de Ciências sociais**, v. 46, n. 1, p. 15–41, 2015.

VALLADARES, L. **A invenção da favela: do mito de origem a favela. com.** [s.l.] editora FGV, 2005.

YÚDICE, G. **The Expediency of Culture: Uses of Culture in the Global Era.** [s.l.] Duke University Press, 2004.